Reflexões em torno da aprendizagem: aulas particulares ministradas para alunos das series iniciais nas esferas municipais e estaduais do município de Jaguarão

Reflexiones sobre el aprendizaje: clases particulares impartidas a alumnos de los grados iniciales en el ámbito municipal y estadual del municipio de Jaguarão

Cristiane Rodrigues Madeira¹

Michele Machado Souza²

Resumo

Esse relato de experiência evidencia nossas observações durante aulas particulares que ministramos e nossas reflexões sobre as técnicas de ensino a serem desenvolvidas. Discute-se aprendizagem, assim como as relações que podem ter envolvimento nas dificuldades dos educandos.

Palavras-Chave: Aprendizagem; Aula particular; Ensino fundamental; Lúdico; Metodologias de ensino.

Resumen

Este relato de experiencia muestra nuestras observaciones durante las clases particulares que impartimos y nuestras reflexiones sobre las técnicas de enseñanza que se desarrollarán. Analiza el aprendizaje, así como las relaciones que pueden implicar las dificultades de dos estudiantes.

Palabras claves: Aprendiendo; Clase privada; Educación elemental; Juguetón; Metodologías de enseñanza.

1. Introdução

O presente relato parte de inquietações advindas de trocas de experiências entre duas Pedagogas que atuam no reforço de aprendizagem para alunos das series iniciais do ensino fundamental, no qual evidenciamos a diferenciação entre o ensino na escola municipal e na escola estadual, baseado nas dificuldades que os educandos apresentaram no decorrer das aulas.

Essas observações partiram de uma conversa do dia a dia de cada uma e notamos que as características de dificuldades coincidem. Depois dessa primeira conversa começamos a registrar as dificuldades encontradas e também os relatos dos alunos sobre a sua aprendizagem.

¹ Mestranda em Educação; Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA; Jaguarão; Rio Grande do Sul; Brasil; cristianemadeira.aluno@unipampa.edu.br.

² Mestranda em Educação; Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA; Jaguarão; Rio Grande do Sul; Brasil; michelemachado.aluno@unipampa.edu.br.

A maioria dos nossos alunos são da rede municipal e apresentam características em comum como: dificuldade com a tabuada e contas, e na alfabetização, e no desenvolvimento da escrita e da leitura. Nota-se que os educandos não sabem os sons do alfabeto, embora identifique as letras, mas não assimilam o significado delas juntas, pois, não reconhecem o som de cada letra sem o uso da imagem. O que evidencia a falta de noção fonética, ou seja, o aluno consegue associar o som à letra e acaba por ter esta dificuldade no aprendizado.

Essa relação entre ensino-aprendizagem envolve muitos fatores, para além da responsabilidade do professor. Atualmente, o construtivismo está sendo usado de forma equivocada, apresentando uma falsa conclusão. Conforme Soares (2004)

[...] derivou-se da concepção construtivista da alfabetização uma falsa inferência, a de que seria incompatível com o paradigma conceitual psicogenético a proposta de métodos de alfabetização. De certa forma, o fato de que o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tenha sido considerado, no quadro dos paradigmas conceituais ‘tradicionais’ como um problema sobretudo metodológico contaminou o conceito de método de alfabetização, atribuindo-lhe uma conotação negativa: é que, quando se fala em “método” de alfabetização, identifica-se, imediatamente, “método” com os tipos “tradicionais” de métodos – sintéticos e analíticos (fônico, silábico, global etc.), como se esses tipos esgotassem todas as alternativas metodológicas para a aprendizagem da leitura e da escrita. Talvez se possa dizer que, para a prática da alfabetização, tinha-se, anteriormente, um método, e nenhuma teoria; com a mudança de concepção sobre o processo de aprendizagem da língua escrita, passou-se a ter uma teoria, e nenhum método (SOARES, 2004, p.11).

Alfabetização e letramento são indissociáveis, segundo Soares (2004, p14), “Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco [...]”. O aluno pode ser letrado e não ser alfabetizado, ou seja, ele reconhece o grafema, mas não decodifica. Por exemplo, um adulto analfabeto pode reconhecer todos os dias a linha de ônibus que tem que pegar para chegar ao trabalho, mas não sabe dizer o que está escrito, mas sabe que aquele ônibus é o que vai leva-lo ao seu destino.

Essa pode ser uma das problemáticas que levam ao aluno precisar de reforço escolar, essa dificuldade de encontrar um sentido para o que está aprendendo, ainda a pouco conversávamos sobre o “tino” da criança ou o “estalo” que precisa para decolar na alfabetização, após essa constatação de Soares (2004), refletimos se o que ocorre não será a falta de técnica para atingir os objetivos.

Obviamente, tem uma grande diferença em trabalhar única e exclusivamente apenas com um aluno por hora e atender uma turma de vinte alunos. Na aula particular é possível trabalhar de maneiras distintas, com materiais diversos, principalmente o lúdico. Tanto na leitura e escrita quanto no ensino de matemática, o principal obstáculo dessa disciplina, em nossas aulas, é o ensino da tabuada, por incrível que pareça. Todos os alunos com que trabalhamos apresentam esse comportamento de não entender ou como eles dizem: “não decorei ainda”. Aqui voltamos a falar sobre metodologia, pois se o construtivismo é o que rege o ensino, porque o aluno precisa decorar algo que existem infinitas maneiras de fazer. Impossível ensinar matemática para alguém que não compreende o significado da tabuada, quando deveria ser algo para simplificar acaba torna-se apavorante. Então nas primeiras aulas, é preferível explicar o funcionamento da mesma e demonstrar ao aluno que ele não precisa memorizar, mas sim aprender como construí-la.

Outro exemplo clássico de dificuldade é o uso do zero na tabuada, isso ocorre com frequência nas operações de divisão quando é preciso dividir o zero por um número maior. Se

não tiver o entendimento que o zero faz parte da tabuada não se consegue, de fato, concluir a conta.

O lúdico é de suma importância para o desenvolvimento, da imaginação, do pensamento e as habilidades cognitivas, e além disso o educando pode expressar seus sentimentos, emoções e necessidades de aprendizagens. As escolas municipais tem materiais lúdicos para esse processo, mas a maioria não usa. Essa nossa constatação é advinda do relato dos alunos quando questionados sobre o uso de jogos na aprendizagem: “Tem jogo igual esse na escola, mas ninguém pode mexer! A professora mostra e a gente diz o que fazer e ela mexe”, aluno referindo-se ao uso da lousa digital que todas as escolas municipais receberam ainda ano passado. A questão é: qual o objetivo de tê-la se não em benefício do aluno? Mas não culpamos a professora em questão, pois as lousas chegaram à escola, agora aguarda-se a formação para o melhor uso da mesma.

Em primeira instância essa culpabilidade parte para o professor, mas a realidade é que a escola é capacho do sistema, muitas vezes a realidade não condiz com o que determina as normativas federais. Os professores ficam refém a essas normas, muitas vezes sem saber como proceder, o que impossibilita de fato um melhor desempenho do que é esperado.

Observamos a discordância de técnicas metodológicas com relação aos alunos do ensino municipal em comparação aos do estado. Não estamos dizendo que os alunos do estado não precisem de aulas de reforço, não somos as únicas que realizam essa tarefa. Mas é sabido que nessa cidade para estudar em um colégio específico em que a maioria é de classe média, e inclusive os pais pagaram o aluguel de outro prédio, enquanto este estava e está interditado, para que os filhos não ficassem sem aula. Embora a escola seja de denominação do estado, o público é específico. Recebemos apenas um aluno dessa escola para reforço, em uma única aula, para retomar a matéria da prova e nessa oportunidade foi notório a discrepância de conteúdos entre as instituições.

Ressaltamos que nosso objetivo neste trabalho não é criticar o estado, o município ou professoras e professores, mas discutir, a partir de nossas observações a realidade a cerca das aprendizagens, e fazer um aparato de como está o ensino e os mecanismos que mandam e desmandam na educação.

Referências

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 5-17, jan./fev./mar./abr. 2004. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 20 nov. 2024.